

431 anos de Jacarepaguá Pessoas com necessidades especiais sofrem com falta de acessibilidade

Problema é grave em toda cidade do Rio de Janeiro, em especial em Jacarepaguá. Não temos nada a comemorar nos 431 anos da região. **Página 3**

Bianca Lopes na elevatória da empresa de ônibus Redentor



Os indígenas em Jacarepaguá

Hoje, na cidade do Rio de Janeiro, existem cerca de 6.000 indígenas vivendo na área metropolitana. São os indígenas urbanos, que enriquecem nossa cidade com conhecimentos vindos de várias partes do país. Luakan Anambé e Atyna Porã Brasil Anambé vivem em Jacarepaguá e produzem lindas bonecas artesanais. **Página 6**



Luakan e Atyna Anambé

Corredor Azul

Floresta em Pé Jacarepaguá

Em audiência pública a população de Jacarepaguá diz sim às propostas de Unidades de Conservação da natureza (UC) do projeto “Corredor Azul” — uma conexão de proteção ambiental entre os dois maciços da cidade. **Página 4**



A luta continua pela Floresta em Pé Jacarepaguá Corredor Azul é possível

Cultura & História da Região

- Conheça o talento de Paulo Santana
- Peça teatral na Firjan SESI Jacarepaguá
- Feira Literária de Jacarepaguá
- Fazenda da Taquara
- Jacarepaguá nunca foi terra de ninguém

Páginas 6, 7 e 8

11 de setembro, data histórica para a democracia brasileira

Leia na íntegra a Carta de Lula ao povo americano

Neste 11 de setembro de 2025, a Justiça brasileira tem um marco histórico com o julgamento e a condenação do núcleo central que, sob a liderança do ex-presidente Jair Bolsonaro, tentou golpear de morte a nossa democracia. **Páginas 9 e 10**

EDITORIAL

PEC da Blindagem, também chamada de “PEC da Bandidagem”, “PEC das Prerrogativas”, “PEC da Impunidade”: feita pelo pior Congresso da história do Brasil

PEC da Bandidagem’ é atentado à sociedade e à democracia. Essa proposta abre caminho para proteger parlamentares ligados a corrupção, trabalho escravo e emendas Pix. Escandaloso o que faz esse parlamento brasileiro.

A chamada “PEC da Bandidagem”, um apelido dado por críticos a uma Proposta de Emenda à Constituição que foi aprovada no Congresso Nacional, vista por muitos como uma tentativa de blindar parlamentares envolvidos em práticas ilícitas — como **corrupção, trabalho escravo, abuso de prerrogativas e uso indevido das chamadas “emendas Pix”** (emendas parlamentares de transferência direta de recursos).

Esse tipo de proposta costuma gerar reações fortes porque é percebida como:

1. **Um ataque à transparência e ao combate à corrupção** — ao dificultar a responsabilização de políticos;
2. **Um enfraquecimento das instituições democráticas** — ao ampliar as proteções e imunidades de parlamentares de forma desproporcional;
3. **Um retrocesso institucional** — principalmente num momento em que o país ainda luta por maior integridade e accountability no setor público (Accountability na administração pública é o princípio segundo o qual gestores e servidores públicos devem prestar contas à sociedade sobre suas ações, decisões e uso dos recursos públicos, assumindo a responsabilidade por seus atos).

É a PEC 3 de 2021 “PEC da Blindagem” — proposta de emenda constitucional que muda regras de responsabilização criminal de parlamentares.

Principais pontos do texto aprovado pela Câmara:

- Parlamentares (deputados e senadores) só poderão ser processados criminalmente (inclusive no STF) mediante autorização prévia da respectiva Casa Legislativa.
- A votação dessa autorização poderá ser secreta em alguns casos.
- A PEC também altera regras sobre prisão em flagrante de parlamentares por crimes inafiançáveis: mesmo em flagrante, há previsão de que a Câmara/Senado tenha de confirmar ou autorizar, prazos para deliberar etc.
- Ampliação do foro privilegiado: presidentes de partidos (que tenham representação parlamentar) também seriam beneficiados por essas regras

Muitos setores da sociedade civil, da mídia independente e até órgãos de controle (como o MPF e o TCU) têm se posicionado contra essas iniciativas, que passam a ideia de que o Congresso estaria mais preocupado com **autoproteção** do que com **representar os interesses do povo**.

Pedala Jacarepaguá

Setembro é o mês em que a AMAF luta por ciclovias na cidade e em Jacarepaguá!

Na véspera do Dia Mundial Sem Carro, 21 de setembro, faremos mais uma bicicletada de reivindicação. Participe conosco!

Data: 21 de setembro (domingo)

Local de concentração: praça Professora Camisão

Concentração: 8h30 (saída às 9h)

Trajetos:

- Praça Professora Camisão
- Estrada de Jacarepaguá (ida até a esquina da estrada do Engenho D'Água)
- Estrada de Jacarepaguá (retorno até a rua Tirol)
- Rua Tirol
- Estrada do Bananal
- Rua Araguaia
- Praça Mac Gregor

Ao fim, ainda, na praça Mac Gregor, haverá um show de chorinho para animar o dia.

Organização: AMAF – Associação de Moradores e Amigos da Freguesia.



Isabor Dória - Analista de Recursos Humanos e Consultora de RH

Como melhorar seu currículo: a importância das informações completas

Eu, como recrutadora, trago um tema para ajudar jovens candidatos em busca do seu primeiro emprego ou de uma recolocação profissional. Muitas vezes, vejo bons perfis sendo descartados não por falta de qualificação, mas por ausência de informações básicas no currículo.

Um dos erros mais comuns está no endereço. Recebo muitos currículos que indicam apenas a cidade, sem bairro ou complemento. Essa informação é essencial, pois permite ao recrutador avaliar a questão do deslocamento e, em alguns casos, pode ser critério de seleção quando a empresa busca profissionais de regiões específicas.

Outro ponto que merece atenção é o telefone para contato. Pode parecer simples, mas é surpreendente a quantidade de currículos com números incompletos, errados ou sem a indicação de um contato alternativo. Sem essa informação, muitas vezes o candidato sequer é chamado para entrevista.

Além dessas informações básicas, alguns cuidados adicionais fazem toda a diferença:

- E-mail profissional: evite endereços informais ou apelidos. Prefira um e-mail simples, com seu nome.
- Formação acadêmica e cursos: destaque sua escolaridade, cursos em andamento e formações complementares. Mesmo cursos rápidos ou online podem agregar valor.
- Experiências anteriores: descreva brevemente suas experiências, mesmo que sejam informais, como estágio, voluntariado ou trabalhos temporários. Tudo isso mostra proa-



Gerada por IA.

tividade.

- Habilidades técnicas e comportamentais: liste softwares que domina, idiomas, e também competências como trabalho em equipe, comunicação ou organização.

- Objetivo profissional claro: indique a área ou função de interesse. Isso ajuda o recrutador a direcionar melhor sua candidatura.

- Layout organizado: utilize uma estrutura simples, limpa e sem excessos visuais. O importante é a clareza das informações.

Lembre-se: o currículo é o seu cartão de visita. Ele precisa transmitir profissionalismo, organização e atenção aos detalhes. Um documento bem feito pode abrir portas, enquanto pequenas falhas podem fechar oportunidades antes mesmo da entrevista.

Dedicar alguns minutos a mais para revisar e atualizar o currículo pode ser o diferencial para conquistar a tão desejada vaga. Afinal, a primeira impressão do recrutador começa no papel — e ela deve ser a melhor possível.



Convocação da Assembleia Geral do Instituto Beija-Flor

Prezados(as) parceiros(as),
O Instituto Beija Flor Brasil, organização mantenedora do Jardim de Cultura João de Barro, por intermédio de sua presidente, convoca seus associados e demais interessados para a Assembleia Geral a realizar-se em 8 de novembro de 2025 (sábado), às 8h30 (1ª convocação) e às 9h (2ª convocação), na sede do Instituto (rua Luciano Gallet, 191, Vargem Grande, Rio de Janeiro) e on-line, via Google Meet, por link a ser enviado individualmente, nos grupos da Associação e por e-mail.

Ordem do dia:

- Aprovação das contas de 2024;
- Mensalidades e dívidas;
- Eleição de membros da Diretoria Executiva, Conselho Fiscal e Conselho Consultivo;

- Regimento Interno;
- Nome fantasia do Instituto;
- Comunicação do Instituto (redes sociais);
- Desligamento de associados e admissão de novos associados, com aclamação; e
- Assuntos gerais.

Confirmação de participação:

Envie e-mail para financeirojfb@gmail.com ou mensagem de WhatsApp para (21) 97606-5030 solicitando o link do Meet.

Cordialmente,

Conselho Gestor do Instituto Beija Flor Brasil

Odália Pimenta de Moura – Presidente

Paula Bueno – Vice-presidente

Leonardo Monteiro Gomes – Tesoureiro

EXPEDIENTE



JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64. Críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br Tel (21) 97143-4821
Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.

Conselho Editorial: Aguinaldo Martins, Almir raci Soares, Marcus Aguiar, Pablo das Oliveiras, Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Cláudio Mattos, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna Cíntia Travassos, Douglas Aguiar (Em Memória), (Cabral) (Em Memória), Severino Honorato, Silvia Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, Luiz da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Car- Claudio, Manoel Meirelles (Em Memória), Ma- mo, Vanessa Guida e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo, Maraci Soares, Silvia Costa e Val Costa.
Diagramação e Arte: Jane Fonseca.
Gestora de Redes Sociais: Silvia da Costa.
Revisão: Vânia Santiago.

Peça gratuitamente um exemplar do JAAJ ao seu jornaleiro

• **Naldo da Banca**
Estrada do Tindiba, em frente ao nº 2.331- Taquara



Jornaleiro Naldo



Bianca Lopes
Estagiária sob
supervisão da
jornalista Juçara Braga

Acessibilidade, um direito, mas ainda não uma realidade

Esta matéria trata de acessibilidade e foi desenvolvida em entrevistas com pessoas com necessidades especiais - um surdo, um cego, uma cadeirante, além de representantes da subprefeitura de Jacarepaguá e empresa de ônibus Redentor.

Surdos

Guilherme Monteiro de Souza (22 anos), morador de Magé, trabalha no Centro do Rio de Janeiro, é surdo e, para ele, a falta de acessibilidade comunicacional é o maior problema no cotidiano de pessoas não ouvintes. O uso de tecnologias assistivas, como aplicativos de tradução de voz para textos, vídeos e filmes legendados e intérpretes da linguagem de sinais melhorariam muito o dia-dia do surdo. São necessários mais cursos de LIBRAS gratuitos.

Cegos

O Professor Renato Campos (65 anos) mora em Belford Roxo e trabalha no Instituto Benjamin Constant. Portador de amaurose (cegueira), sofre nas vias desniveladas, esbur-



Calçadas bloqueadas no Centro da cidade



Bianca Lopes na elevatória da empresa de ônibus Redentor

cadadas, com bueiros sem tampas, todo tipo de obstáculos, carros e camelôs nas calçadas.

O piso tátil (vias amarelas sensitivas) aplicados sobre as calçadas não é respeitado nem substituído quando quebra. Além de ser bloqueado com todo tipo de coisas, impedindo a livre passagem do cego. Em Jacarepaguá, o piso tátil é praticamente inexistente, está nas estações de BRT e, na verdade, é muito raro em toda a cidade do Rio de Janeiro.

Outra ferramenta importante para o cego é o semáforo sonoro para travessia de ruas, raríssimo em toda a cidade. Há semáforos sonoros apenas em frente ao Instituto Benjamin Constant, na Praia Vermelha; Instituto Fernandes Figueira, no Flamengo; Associação Aliança dos Cegos, em São Francisco Xavier; União dos Cegos do Brasil, no Encantado.

É inaceitável, em uma cidade como o Rio de Janeiro, termos apenas quatro semáforos sonoros.

Pisos táteis devem ser solicitados à Subprefeitura de Jacarepaguá

Pisos táteis, de acordo com a assessora de imprensa, Gisele de Souza, devem ser solicitados à Subprefeitura que acionará a Secretaria de Conservação para pronta instalação.

A manutenção das calçadas, por sua vez, é responsabilidade dos proprietários (Lei 1.350/88). A assessora informa que, quando há denúncia sobre calçadas danificadas, a Prefeitura notifica o proprietário para as providências necessárias sob pena de multa, caso não seja feito o conserto.

Autistas têm sala multiuso em Jacarepaguá

A Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência (RJ) inaugurou, em abril deste ano, uma sala multiuso no Centro Municipal de Referência do Mato Alto, em Jacarepaguá, com o objetivo de promover a inclusão de crianças autistas

Inclusão

A Jornalista Roberta Azevedo de Almeida (42 anos), pessoa com deficiência congênita (PCD), moradora de Jacarepaguá, destaca a importância da inclusão, fazendo eco com as palavras do Professor Renato Campos, cego. A inclusão começa em casa na família, de modo que a pessoa com deficiência



Carro bloqueando a calçada

não se sinta uma "pobre coitada".

Roberta admite que a inclusão nas escolas tem melhorado muito, porém ainda tem muito para evoluir, principalmente na questão profissionalizante e na formação de terceiro grau.

Transporte público

A empresa de ônibus Redentor informa que a manutenção nos elevadores dos ônibus é feita a cada 90 dias e os motoristas são treinados com aulas teóricas e práticas, nas quais eles se colocam na condição de pessoas com necessidades especiais. Segundo Mário Mattos e Karina Dames, do Departamento de Recursos Humanos, em caso de defeito, a correção é imediata e, anualmente, há uma fiscalização da Secretaria Municipal de Transporte.

Serviço:

Subprefeitura de Jacarepaguá

denúncias, pedidos ou reclamações falar com
Isabela Vitória ou Gisele de Souza
Telezap.: 9-9157-5058.

Redentor

www.gruporedentor.com.br Tel.: 2445-0910

Barra da Tijuca, Barra Olímpica, Zona Sudoeste...

O que mudou na regionalização da cidade do Rio de Janeiro?

Por **Luciana Araujo***

A Barra, como costuma ser chamada toda a região que engloba os bairros da Barra da Tijuca, Itanhangá, Joá e Recreio do Bandeirantes, pertencentes a XXIV Região Administrativa, estabelecida para fins de organização da gestão do município e de seus serviços públicos, e faz parte da Divisão Administrativa Geral do Município do Rio de Janeiro, que divide o município em Áreas de Planejamento, Regiões Administrativas e Bairros. Segundo a própria prefeitura, seu objetivo é administrativo, para descentralizar órgãos municipais e assim facilitar o acesso da população, além de planejar e controlar o desenvolvimento urbano de cada região.

Essa divisão foi realizada pelo Plano Diretor da Cidade, de 1992, que dividiu a cidade em 5 grandes áreas, e essas áreas de Planejamento foram divididas em regiões administrativas, e as regiões administrativas divididas em bairros. Geralmente são agrupadas em razão de sua situação geográfica, com características e desenvolvimento urbano similares, e necessidades dos serviços públicos.

Atualmente, o município do Rio de Janeiro é composto por 165 bairro, 33 Regiões administrativas, 16 regiões de planejamento e 5 Áreas de Planejamento, com uma população de 6.211.223 habitantes (Censo de 2022).

Em 2022, foi criado o bairro da Barra Olímpica, pela subdivisão dos bairros Barra da Tijuca, Camorim e Jacarepaguá. O projeto para a criação da Barra Olímpica, data de 2010, e a justificativa para a criação do novo bairro, segundo os vereadores da cidade, seria registrar e lembrar para sempre o marco da realização Jogos Olímpicos de 2016 na cidade. Isso porque lá ficava grande parte dos equipamentos esportivos do evento: o Parque Olímpico da Barra e da Vila Olímpica, onde os atletas ficaram hospedados.

A criação do novo bairro também está ligada a identidade de seus moradores e seus interesses em comum pelo lugar, que se apresenta muito mais semelhante a Barra da Tijuca do que a Jacarepaguá ou Camorim.

Já a recente decisão dos vereadores criou a região Sudoeste da cidade, pela separação dos bairros da Baixada de

Jacarepaguá da Zona Oeste. Na prática nada muda, pois esta é uma medida populista, de caráter identitário e não administrativo, em que pese a justificativa da lei ser a de garantir melhor planejamento, políticas públicas e crescimento para a região. Contudo, essa divisão para fins de planejamento público já acontece, uma vez que a prefeitura utiliza o zoneamento das Áreas de Planejamento por ela estabelecida para esses fins.

A nova Zona Sudoeste engloba todos os bairros das regiões administrativas pertencentes a Área de Planejamento 4 (AP4) – Anil, Barra da Tijuca, Barra Olímpica, Camorim, Cidade de Deus, Curicica, Freguesia, Pechincha, Gardênia Azul, Grumari, Itanhangá, Jacarepaguá, Joá, Praia Seca, Recreio dos Bandeirantes, Tanque, Taquara, Vargem Grande, Vargem Pequena e Vila Valqueire. A lei foi aprovada pela Câmara dos Vereadores em agosto de 2025, sancionado pelo prefeito em 08/09/2025 (Lei complementar nº 286/2025).

***Professora e Pesquisadora**



Sidney Teixeira
Colunista

Corredor Azul - proposta de proteção ambiental defendida pela população

A sociedade civil foi unânime em dizer sim às propostas de Unidades de Conservação da natureza (UC) do projeto "Corredor Azul" — uma conexão de proteção ambiental entre os dois maciços da cidade. Em 16 de agosto, em uma consulta pública oficial aberta pelo Poder Público Municipal, pessoas de diferentes locais da cidade se reuniram para debater a proposta e apoiá-la. A expectativa é que, uma vez passada essa fase, seja elaborado um detalhamento da proposta, assim como pareceres técnico e jurídico para, então, assinatura ou não de decreto pelo prefeito.

Antes mesmo do início do processo formal de estudo dessa área, a comunidade organizada, sobretudo pela AMAF

(Associação de Moradores e Amigos da Freguesia), vem reivindicando a proteção da mata que está na vertente oeste do maciço da Tijuca (mas fora do Parque Nacional) pela campanha Floresta em Pé Jacarepaguá. Essa proposta reuniu assinatura em abaixo-assinado e adesão por diversas campanhas, tendo sido acolhida pela secretária de Meio Ambiente e Clima, Tainá de



Tobias Marconde, ambientalista associado à AMAF e dos articuladores da campanha Floresta em Pé Jacarepaguá



Vladimir Fernandes, coordenador do grupo de trabalho da proposta do Poder Executivo Municipal

Paula, desde o início do seu mandato. Os debates internos na Secretaria levaram-na a englobar também a área perilagunar para estudo simultâneo, considerando o potencial de conexão florestal. Assim, um grupo de trabalho da Secretaria foi criado somente para tal, atuando por um ano para propor tanto os limites preliminares como as tipologias de Unidades de Conservação, em um documento que foi publicado e está disponível na internet. Foi esse trabalho que o próprio grupo, coordenado por Vladimir Fernandes (que além de servidor dedicado é também morador da Baixada de Jacarepaguá), apresentou à população

presente na Consulta Pública.

Ecologistas da cidade, membros de várias associações de moradores da cidade e da FAMRIO (Federação das Associações de Moradores do Município do Rio de Janeiro), estudos de biologia e de várias áreas, e representantes do Conselho de Meio Ambiente da Cidade opinaram favoravelmente, elogiando a proposta. A AMAF, instituição da qual faço parte, orgulha-se muito desse momento, festejando-o com todos. Sabemos que a luta não acabou e ainda precisamos estar mobilizados para que a vontade política concretize a proteção ambiental — que ainda requer o decreto do prefeito.



Fotos: Nefhar Rocha

A luta continua pela Floresta em Pé Jacarepaguá Corredor Azul é possível



Felipe Lucena
Jornalista e roteirista

Governo do Estado do Rio de Janeiro quer vender Ilha na Lagoa de Jacarepaguá

Pouco visível para quem cruza a Avenida Salvador Alende, a Ilha da Pombeba fica na Lagoa de Jacarepaguá, atrás do Parque dos Atletas, perto do Rio Centro.

A porção de terra em meio à Lagoa de Jacarepaguá está tomada de verde, mas há nebulosidade no ar.

A área, que possui mais de 50 mil metros quadrados, está na lista de imóveis que o Governo do Estado do Rio de Janeiro pretende vender.

No último mês de agosto, a gestão Cláudio Castro protocolou na Assembleia Legislativa (Alerj) um pedido para leiloar **48 imóveis estaduais**. A meta é arrecadar **R\$ 1,5 bilhão**, caso a autorização seja concedida.

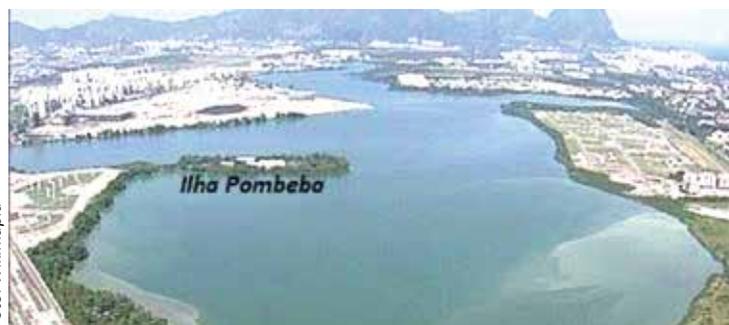


Foto: Wikimapia



Foto: Wanderby/Google Fotos

A lista de imóveis inclui prédios históricos, terrenos, áreas desativadas da segurança pública e a Ilha de Pombeba.

A proposta do Governo já está sendo analisada pelos deputados estaduais.

Mais informações sobre a Ilha da Pombeba

Na Pombeba funcionou o hospital Sarah, especializado em reabilitação infantil, que foi deslocado para perto do condomínio Rio 2.

Ainda é possível ver na Ilha os restos de entulho da antiga estrutura do hospital.

Em 2017, o então governador Luiz Fernando Pezão assinou o termo de cessão, por 20 anos, de um terreno na Ilha para o Comitê Olímpico do Brasil (COB).

A ideia era construir o Museu Olímpico na Ilha. No en-

tanto, o espaço só foi inaugurado este ano, no Parque Olímpico.

"*Há muita vegetação na Ilha da Pombeba. Muitas árvores nativas, inclusive. A área poderia ser preservada como um pequeno bosque, um espaço verde. Mas não sabemos o que pode virar caso essa venda aconteça*", disse a ambientalista **Marcelle Pereira**.

Xará da Ilha

A Ilha da Pombeba, da Lagoa de Jacarepaguá, tem uma xará em outra parte da cidade do Rio.

Ela fica na Baía de Guanabara, próximo ao cais do Porto do Rio de Janeiro, na altura do bairro do Caju. Essa é uma formação artificial, criada a partir de sucessivos despejos de materiais de dragagens do Porto.



Foto: Reprodução



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Ana de Melo - Doutora em História e Pesquisadora IHBJA

Os indígenas em Jacarepaguá

Quem nunca fez uso de um chá de bol-do para aliviar uma má digestão, ou “quebra pedra”, para eliminar pedras nos rins? Os chás caseiros, aos quais recorremos, são herança da medicina ancestral indígena que aprendemos com nossos avós e pais. Toda família tem aquela receita infalível, vinda da natureza e guardada como tesouro pessoal.

Há séculos, os indígenas usam chás, unguentos, fumegações, banhos e escarificações na pele, como forma de curar e purificar o sangue. Cronistas do século XVI relatam o quanto essa medicina era eficaz na cura dos europeus que aqui chegavam. Dando-lhes caju para curar o escorbuto, desenvolvido por conta da longa viagem pelo Atlântico, os indígenas provavam o conhecimento sobre a deficiência de vitamina C, causadora da doença, e que era encontrada em abundância na fruta.

A ciência ocidental prova, cada vez mais, a importância e a complexidade da medicina indígena. Hoje, num movimento de retorno ao que é natural, descobrimos, como se fosse novidade, aquilo que os indígenas fazem há séculos. Isso é fruto de um preconceito de que o que não está na farmácia é menor e, consequentemente, sem importância ou ineficaz.

Quem mora em Jacarepaguá de trinta anos pra cá, já conhece - ou ouviu falar - do que ficou popularmente conhecido como “a garrafada do Índio”. Para uma tosse que não cessa, uma dermatite incômoda, ou mesmo algo de cunho mais pessoal, recorria-se à tal garrafada, cada qual com uma finalidade específica. À medida que as beberagens tinham o efeito esperado, a fama de seu fabricante ia crescendo. E, assim, o pajé Yapuan ficou conhecido na região. Seu profundo conhecimento das plantas medicinais encontradas na mata, um saber ancestral que foi obtido através da tradição oral

de seu povo, era um diferencial significativo para a população local, carente de opções para tratamento da saúde. Além de outras filiais, sua loja continua conhecida na Curicica.

Outra evidência da presença indígena neste território são as cerâmicas e cachimbos encontrados. Estudos arqueológicos, como o da pesquisadora Silvia Peixoto, revelaram um trânsito de mulheres tupinambás vindas de São Paulo para a região do Camorim, em visita aos parentes tupinambás que aqui viviam. Por volta de 1594, teriam chegado ao Camorim grupos de indígenas tupinambás, principalmente mulheres, fato atestado por cerâmicas desta etnia encontradas na região feitas com material local, mas com características dos tupinambás de São Vicente, São Paulo. Tais saberes tradicionais ainda se encontram vivos nas práticas artesanais realizadas por mulheres no Camorim.

As mulheres tupinambás tinham um papel fundamental no trabalho agrícola, na caça de formigas e peixes, assim como na preparação de cerâmicas, tanto utilitárias como ritualísticas (fig. 1). Hans Staden, um cronista alemão que esteve entre os tupinambás de Jacarepaguá, como prisioneiro, conta com detalhes a produção destas cerâmicas, o trabalho artístico dos grafismos e a forma de cozer os artefatos, seja na pedra ou em buracos no chão, com carvão por cima. Ele também relata a forma de preparo das bebidas fermentadas (chamadas de cauim), feitas de milho, frutas e mandioca. No preparo do cauim de mandioca, a raiz era cozida, mascada pelas mulheres e devolvida aos potes para fermentar por dois dias.

Os tupinambás e outras etnias fabricam

o cauim até hoje dessa forma. Acreditava-se que a saliva masculina deixava a bebida amarga e, por isso, somente mulheres deveriam



Pintura de Mulheres Tupinambás século XVI (Théodore de Bry)

prepará-la. Observou também o alemão que essas bebidas eram mais utilizadas no retorno de guerras e nos rituais de antropofagia.

As mulheres tinham participação ativa na caça e nas guerras. Eram elas que carregavam todo o peso da caça e, nos conflitos, levavam as redes, a alimentação e também ficavam responsáveis por cuidar dos prisioneiros. Diante disso, e para o funcionamento da aldeia, o resguardo pós parto durava em média quatro dias. Era comum ver mulheres carregando seus filhos nas costas, amarrados com panos de algodão, colhendo mandioca ou preparando alimentos. As anciãs adquiriam o direito de participarem das decisões da aldeia, debatidas entre os homens.

A liberdade conjugal também foi algo que surpreendeu os europeus. Apesar dos casamentos arranjados, eles praticavam a poligamia e, tanto o homem quanto a mulher, possuíam o direito de se separar e constituir novo matrimônio, o que era proibido na Europa católica e protestante do século XVI.

Essas diferenças fizeram os europeus demonizarem as mulheres indígenas, desde sua nudez “sem pudor”, até o direito de decidirem o destino que dariam aos próprios corpos. Logo, tudo lhes causava estranheza, como o fato de as mulheres não guardarem resguardo e levarem seus filhos para o traba-



Ana de Melo e Pajé Yapuan

lho na lavoura, visto como desleixo e falta de amor maternal. O hábito de empurrarem seus ventres contra vigas de madeira, como forma de retornarem ao corpo que tinham antes da gravidez, era tido como brutalidade.

Todo o estranhamento do europeu com esse novo mundo, seja como prisioneiro - como o caso de Hans Staden - ou visitante - como no caso do cronista Jean de Léry - tornaram seus relatos repletos de ruídos entre o que acontecia e o que se observava. Dessa forma, as mulheres indígenas eram temidas, mas reconhecidas como atuantes nas sociedades tupinambás.

Desde a época colonial, as políticas públicas militam pelo apagamento da herança dos povos originários, destituindo-lhes de suas terras, calando suas falas e tirando o mérito de seus conhecimentos e de suas conquistas tecnológicas, ao tratá-las como sendo primitivas ou fruto de superstições ineficazes.

Hoje, na cidade do Rio de Janeiro, existem cerca de 6.000 indígenas vivendo na área metropolitana. São os indígenas urbanos, que enriquecem nossa cidade com conhecimentos vindos de várias partes do país. Entre eles, temos duas mulheres da etnia Anambé, que vieram do Pará e fazem sucesso com suas bonecas e com roupas personalizadas com grafismos indígenas. Luakan Anambé e Atyna Porã Brasil Anambé vivem em Jacarepaguá e comercializam seus produtos por todo Brasil.

A boneca Anaty, que na língua Anambé quer dizer menina, foi criada em homenagem à neta de Dona Luakan. O que era para ser somente um presente para a neta, virou sucesso nacional, encontrando espaço num vazio de representatividade indígena nesse nicho. Atyna, filha de Luakan, continua o trabalho iniciado por sua mãe, revivendo a memória dos tupinambás que viveram durante séculos nesse território, e nos lembrando que “Jacarepaguá continua índio”.



Bonecas Anaty



Luakan e Atyna Anambé

Contato para conhecer melhor o trabalho da boneca Anaty
Instagram: @bonecasanaty
Loja: bonecasanaty.com



Cíntia Travassos
Produtora

O talento de Paulo Santana

Paulo Santana é fotógrafo, carioca e morador de Curicica. Seu interesse pelas artes surgiu aos 16 anos, quando começou a fazer teatro no Colégio Nossa Senhora de Misericórdia e também por influência de sua irmã de criação Aparecida, que era a primeira bailarina do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e uma grande pesquisadora na área das artes.

Na época, Santana também fazia balé e canto coral e, logo depois, no ano de 1978, começou a se interessar por fotografia, trabalhando como laboratorista. Ele desenvolve o seu trabalho baseado no pensar a fotografia, nos levando a refletir sobre muitos temas da vida, que vão além da coisa técnica, envolvendo ética, responsabilidade social e o poder que a fotografia tem de mover as ideias das pessoas, tornando-as diferenciadas.

Na década de 1980, ingressou na área de vídeo, e começou a trabalhar numa produtora independente de vídeo como



Fotografia de Paulo Santana intitulada Certo Olhar

office boy. Em seguida, tornou-se assistente de um curso de produção de vídeo, até exercer a função de instrutor.

Em 1988, iniciou carreira na TV e passou a fazer parte de um grupo de jornalismo na antiga TV Rio, hoje, Record TV. E em 1990 transferiu-se para a TV Globo, as-

sumindo o cargo de repórter cinematográfico na Região Serrana e, de lá pra cá, nunca



Fotógrafo e repórter cinematográfico Paulo Santana com toda sua elegância

deixou de trabalhar na área, inclusive em várias produtoras independentes.

Para outras informações, acessar:

@olhar_celular_paulosantana @pensarfotografia_oficial
Blog olharcelular.blogspot.com www.youpic.com/paulosantana3
Site pessoal: www.olharcelular.alboompro.com



Pablo das Oliveiras
Professor & Poeta

De lá pra cá... Daqui pra onde? Conto 5: Mistura de Gente

- Kevin, lembra que eu te contei... que meu pai disse, de repente, "minha vó indígena" e depois ficou mudo...

- Hã... e daí?

- Eu fiquei pensando... Vó Dulce é preta... meu Vô Toninho é branco... mãe não é da cor da Vó Dulce nem da cor do Vô Toninho... e se meu pai for indígena, eu sou o quê?...

- Não sei... nunca pensei nisso...

- Isso não sai da minha cabeça... Na minha família tem gente preta e gente branca, que está sempre junta. Mas, se minha bisá é indígena e meu pai também, por que a gente nunca soube disso? Por que deixaram os indígenas fora do retrato da nossa família?

- Caramba Bebel! Que estranho... você vai escolher ser o quê, preta ou indígena?

- Não sei, mas acho que não é o caso de escolher... Pensa comigo... Sua avó conta histórias pra você, do tempo que ela era menina... e das coisas daquele tempo...

- Claro que conta, e diz assim: "antigamente, lá em Pernambuco"...

- Minha Vó Dulce fala igualzinho... ela



Fonte: <https://unsplash.com/pt-br/s/fotografias/>

conta de um jeito que eu me sinto dentro da história, mesmo sem ter vivido naquele tempo...

- Engraçado né?! Tem histórias que minha vó conta – cantando... fazendo o bolo de mandioca, que só ela sabe fazer, e eu adoro!

- Viu só, Kevin, não é só escolher ser preta ou ser indígena... mas também saber as coisas que são importantes para as pessoas indígenas e as pessoas pretas.

- Parece que você está num game, sendo desafiada a desvendar o mistério da sua origem, pra conquistar o seu poder...

- É mesmo, um desafio...

Meu Diário...

Hoje Vó Dulce veio lanchar aqui em casa. Ela chegou, me abraçou e disse: "como você cresceu"... Depois, mãe chamou a Vovó pra fazer a receita de pamonha com coco, que o pai adora e eu também. Mãe anotou tudo...

"Retire e lave a palha das espigas de milho, ferva e põe pra secar. Corte o milho de 12 espigas verdes, rente ao sabugo, bata no liquidificador; muna cuia misture a medida de 1 xícara de água; 2 de coco ralado; 2 de açúcar, uma pitada de sal e mexa bem, até não grudar na mão. Reparta a massa e amarre os montinhos com a palha do milho... coloque as pamonhas, uma a uma, numa panela com água fervente... A água precisa estar fervendo, caso contrário as pamonhas vão se desfazer. Cozinhe por 40 minutos, depois retire as pamonhas com uma escumadeira. Deixe esfriar em um local bem fresco."

Eu fiquei olhando mãe e Vó conversando... Teve uma hora, que vovó passou a mão na minha cabeça, sorriu e perguntou: "que carinha pensativa é essa?" Aí, eu disse: "é uma coisa, Vó... E você pode dizer pra vovó, que coisa é essa... Bem... é assim: será que uma pessoa pode ser preta e ser indígena ao mesmo tempo?"

Vovó ficou pensando... Aí eu continuei: "assim, ó... a família da mãe é de um jeito e a família do pai é de outro..."

Daí, ela respondeu: "eu sei como é... isso é muito comum na nossa gente... Gente brasileira é toda misturada." Era isso mesmo que estava no meu pensamento: "então uma pessoa pode ser preta e pode ser indígena?" Parecia que vovó estava pensando comigo... "Muita gente não gosta de estar nesse lugar: onde existe a mistura, metade assim, metade assado... Daí acaba decidindo ser uma ou outra coisa..." Aí, falei de repente: então, se escolher um, tem que esquecer o outro?... Eu não acho justo!... "Por quê? Explica pra vovó!". "Ah! Uma pessoa pode ouvir e guardar a história de um e do outro, pra depois recontar acrescentado os acontecimentos do seu próprio tempo... Pode preparar a comida de um e do outro pra ficar bem alimentado... cantando feliz a música do povo preto e do povo indígena, e rezando para os avós ancestrais de todos!". "Essa menina, além de crescida, tá sabida como ela só! Dá um abraço na Vó Coruja que ama demais essa neta!"

Vó Dulce é muito maneira... Ela ficou comigo, até eu terminar a tarefa da escola.



Magnus Alves
Escritor

No último mês de agosto, nos dias 29, 30 e 31, das 15 às 22 horas, Jacarepaguá recebeu a terceira edição da Feira Literária – FLIJ, realizada na praça Cândido da Silva Mendes, que contou com mais de 50 barracas de autores e editoras, além de apresentações teatrais com a Cia Poética, voltadas para diferentes faixas etárias. No evento também foram realizados lançamentos de livros, oficinas de escrita criativa e ilustração, apresentação de shows musicais, rodas de conversa e debate, sarau poético, e o melhor da gastronomia local.



Ao todo, a feira reuniu 70 autores e editoras, promoveu 28 contações de histórias, com a presença de Luciliane Tomé, e 20 oficinas de escrita criativa

e ilustração, somando 100 horas de cultura, arte e emoção gratuitas na Taquara.

A Casa do Artesão também mar-

cou presença, mostrando a arte das mulheres empreendedoras. Entre as barracas, uma que merece destaque foi a do Tuninho do Rock, ensinando e criando música ao vivo, entre muitos outros produtores culturais. As apresentações de teatro de cordel e do grupo Caipirando foram verdadeiras provas de amor pela arte e pelo bairro.

Cada dia da Feira Literária foi marcado por intenso movimento, tornando difícil contabilizar o público presente, entretanto, a terceira edição da FLIJ foi um sucesso.

Eventos como este são de extrema importância para o crescimento cultural do bairro, pois a visibilidade que a cultura traz desperta outros artistas desse imenso ateliê carioca.

A organização da feira foi de Alexandra Gonzalez e a equipe da Casa de Cultura de Jacarepaguá.

‘O Veneno do Teatro’, com Osmar Prado e Mauricio Machado no Firjan SESI Jacarepaguá

Em curtíssima temporada, o espetáculo *O Veneno do Teatro*, com Osmar Prado e Mauricio Machado no Firjan SESI Jacarepaguá, nos dias 25 e 26 de outubro e 1º e 2 de

novembro.

Osmar Prado está de volta ao teatro em um texto clássico e contundente do espanhol Rodolf Sirera, um dos dramaturgos con-

temporâneos de maior renome na Europa.

O texto propõe uma reflexão atual e pertinente sobre a ética, a estética, as máscaras e as convenções sociais, o jogo do poder, em suma, a necessidade de autoconhecimento tão latente em todos nós, dentro dos limites da realidade e da ficção.

Espectáculo vencedor de 30 prêmios mundiais, foi encenado em mais de 62 países (Espanha, Inglaterra, França, Venezuela, Polônia, Grécia, Porto Rico, Argentina, México, Estados Unidos, Japão, entre outros), e coleciona prêmios mundo afora, o que traduz parte de seu sucesso, vitalidade e contempo-

raneidade.

Com direção de Eduardo Figueiredo, responsável por grandes sucessos do teatro, traz no elenco os premiados: Osmar Prado e Maurício Machado. O espetáculo é pontuado com música ao vivo pelo violoncelista Mathias Roque Fideles.

O Veneno do Teatro recebeu 14 indicações, em setembro de 2024, no 23º Anual Prêmio Cenym de Teatro Nacional 2024. Entre, eles, os prêmios de: Melhor Espectáculo do Ano, Melhor Ator (Osmar Prado) e Melhor Ator Coadjuvante (Maurício Machado), entre outros.

Sinopse

Um ator é convidado pelo marquês para interpretar uma peça teatral de sua autoria (inspirada na morte de Sócrates). Um encontro entre o marquês (Osmar Prado), um psicopata egocêntrico que, de forma surpreendente, passa a controlar

por meio de um jogo psicológico, o outro personagem, Gabriel (Maurício Machado). Depois de muitas surpresas no decorrer do espetáculo, o marquês revela-se um psicopata capaz de qualquer coisa para atingir seu objetivo: tornar a leitura da sua peça mais crível e realista possível.

Teatro Firjan SESI Jacarepaguá

Endereço: Av. Geremário Dantas, 940 – Freguesia (Jacarepaguá), Rio de Janeiro – RJ

Período:

25 e 26/10 1º e 2/11

Parceria JAAJ e Produtora Manhas & Manias Projetos Culturais



431 anos de Jacarepaguá



Yakaré Upá Guá

Val Costa - Texto e fotos

Pesquisador do IHBAJA
e professor
de História
e Geografia

A Fazenda da Taquara, popularmente conhecida como Fazenda da Baronesa, localizada na Estrada Rodrigues Caldas, reúne um importante acervo arquitetônico que data do período colonial da nossa história. A Capela de Nossa Senhora dos Remédios e Exaltação da Santa Cruz, construída em 1738, e a casa sede da fazenda, edificada em meados do século XVIII, são dois importantes bens históricos edificados nessas terras.

Os registros mais antigos desse engenho remontam ao século XVII. Em 1635, Salvador Correia de Sá e Benevides vendeu a propriedade a João Rodrigues Bravo. Pouco depois, em 1637, Bravo negociou parte do terreno com André Vila Lobos da Silveira. Em 1757, o então Engenho de Dentro foi passado por Antônio Teles de Menezes para o seu filho, Francisco Teles Barreto de Menezes. Após a morte de Francisco Teles, em 1806, a propriedade ficou para sua filha mais velha, Ana Inocência Teles de Menezes, que construiu um canal de captação de água do Rio Grande para mover as moendas do engenho. Dona Inocência faleceu em 1836, deixando o engenho para sua sobrinha Ana Maria Teles Barreto de Menezes e para Francisco Pinto da

Fazenda da Taquara: passado, presente e futuro se entrelaçam em um dos principais vestígios históricos de Jacarepaguá

Fonseca, que, em 1837, casaram-se e passaram a residir na casa sede da Fazenda da Taquara. Francisco Pinto da Fonseca e Dona Ana Maria tiveram dois filhos: Maria Rosa e Francisco Pinto da Fonseca Telles, que ficou com as terras do engenho após a morte do pai.

Francisco Pinto da Fonseca Telles foi tenente da 7ª Companhia do Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional. Por seus serviços prestados na Guerra do Paraguai, foi nomeado Comendador da Ordem da Rosa. Também foi um grande benfeitor de Jacarepaguá. Doou terrenos para o encanamento dos rios Fortaleza, Ciganos e Olho d'Água, realizou arruamentos e cooperou para a implantação das linhas de bondes na região. Em 21 de outubro de 1882, o Imperador D. Pedro II lhe outorgou o título de Barão da Taquara. Em 3 de maio de 1881, na Capela da Santa Cruz, o Monsenhor Vigário Antônio Marques de Oliveira celebrou o casamento do Barão da Taquara com Leopoldina Francisca de Andrade.

D. Pedro II se hospedou durante dois meses, de novembro a dezembro de 1843, na Fazenda da Taquara. O objetivo era cuidar da saúde da princesa Dona Januária, já que a região, conhecida nessa época como Sertão Carioca, era considerada um local propício para tratamentos de doenças, pois possuía ar

puro e temperaturas amenas.

Além do tombamento da casa e da capela pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – pelo Decreto-Lei no. 25, de 30 de novembro de 1937, três iniciativas do poder público visam garantir a integridade desse patrimônio paisagístico e cultural do município. Uma é o Projeto de Lei Nº 1907/2004, que tomba a área que restou da Fazenda da Taquara. A segunda é o Decreto Municipal 21.209/01 que cria a Área de Proteção Ambiental da Fazenda Baronesa, com 100.000m². Por fim, a terceira é o Projeto de Lei Nº 1236/2008, que “Tomba a área da Fazenda da Taquara, e dá outras providências”. A Fazenda da Taquara foi reconhecida, pelo Projeto de Lei Nº 464/2009, como uma das sete maravilhas do bairro de Jacarepaguá, sendo classificada na quarta colocação.

Em 2024, essa fazenda serviu de cenário para gravações de algumas cenas do



Fazenda da Baronesa

Remake da novela “Renascer”, transmitida pela Rede Globo. Em agosto desse ano, o prefeito Eduardo Paes anunciou que desapropriará o local para a criação de um parque nos moldes do Bosque da Freguesia. O projeto visa a implementação de um centro cultural com uma biblioteca pública, pistas de caminhada e diversos equipamentos esportivos. A criação do futuro “Parque Municipal Bosque Fazenda da Baronesa” está envolvida em diversas polêmicas, como a proibição de visitas guiadas ao espaço pelos herdeiros do Barão da Taquara e também a forte rejeição ao projeto por parte da Associação Amigos da Fazenda da Taquara.



História da Região

Leonardo Soares dos Santos
Professor de História da UFF
e pesquisador do IHBAJA

A ideia de que a região de Jacarepaguá dormitava esquecida durante boa parte do século XX é errônea. Tal afirmação nunca correspondeu à realidade. Na verdade, ela tinha mais a ver com uma visão elitista sobre a região, muito difundida pela imprensa carioca e assimilada acriticamente por muita gente que se dedicou a estudar a região ao longo dos anos.

Tal versão acabou sendo muito útil a frações dessa mesma elite, na medida em que, ocultava a verdadeira corrida de vários membros da burguesia local em abocanhar – de maneira escusa, na maioria dos casos – largas parcelas do território para fins econômicos. E tal apropriação se dava em prejuízo dos direitos estabelecidos de muitas famílias de pequenos lavradores e pescadores, muitos deles tendo seus antepassados se estabeleci-

Jacarepaguá nunca foi terra de ninguém

do ali desde tempos imemoriais.

Era também conveniente por tentar impedir que o público da cidade do Rio tivesse conhecimento dos conflitos e das violências que ceifaram vidas e esperanças de muitos pobres que viviam ali. Jacarepaguá nunca foi um vazio. As suas terras sempre foram alvo da apropriação de membros da classe senhorial e escravagista desde os tempos coloniais. O território nunca foi visto por esses agentes como uma região menor. Pelo contrário, ali estabeleceram unidades altamente produtivas, dotadas de grandes vias de comunicação (explorando até mesmo lagos, lagoas e rios – muito melhor do que é feito hoje, por exemplo), e fazendo para isso, largo uso de mão de obra escravizada. As terras da região sempre foram monopolizadas, de maneira agressiva, sob controle rígido. Ai de quem questionasse. Basta ver o número de escravizados que aparecem como desaparecidos ou mortos nas várias fazendas da região ao longo do século XIX. Vale a pena também fazer uma busca de quantas pessoas foram mortas por questões de terra (e seguem sendo).

Mesmo com o fim da escravidão e



Vista de Jacarepaguá.

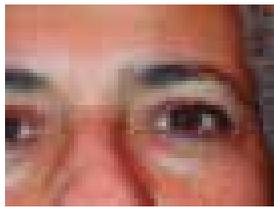
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jacarepagu%C3%A1,_Rio_de_Janeiro_-_State_of_Rio_de_Janeiro,_Brazil_-_panoramio_%281%29.jpg

com a “decadência” da agricultura da região, as terras seguem sob o controle das grandes famílias de proprietários no pós-1888, e elas vão retalhando progressivamente as suas fazendas. Novos loteamentos vão surgindo, e com eles novos sítios e núcleos urbanos – mas tudo ainda muito concentrado nas mãos dos poderosos. No século XX, a região se torna alvo de um duplo investimento. Alguns agentes de grande poder econômico e político veem nela a possibilidade de investir em terras para fins de veraneio, montando ali seus sítios para repouso de final de semana. Outros verão nela uma fonte de capital

de fundiário, para fins especulativos. A terra aqui era visada para ser renegociada, vendida após um processo de valorização.

Tanto num como noutro caso, o vivo interesse tinha como fundamento alguns fatores: em primeiro lugar, há que se destacar a beleza do cenário: as florestas, os lagos e lagoas, praias encantadoras e pródiga fauna, e claro, a disponibilidade de terras. Se observarmos bem, a Baixada de Jacarepaguá era muito parecida com uma imensa planície, plana em boa parte, extremamente propícia e convidativa para imensos empreendimentos imobiliários. Tal área tinha todas as condições de abrigar os mais diversos tipos e modalidades de investimento do setor imobiliário: loteamentos urbanos, rurais, fábricas, centros comerciais, estádios de futebol, condomínios, clubes. Foi exatamente isso que o Plano Piloto da Barra da Tijuca, concebido por Lucio Costa, visava sintetizar.

Mas os planos de elite teriam que lidar com muita resistência. Não foi tão fácil assim a conquista daquelas terras. Os conflitos dos anos 50 em diante seriam emblemáticos. Escreveremos sobre isso no próximo artigo.



**Observatório
Popular**

Juçara Braga
Jornalista

Neste 11 de setembro de 2025, a Justiça brasileira tem um marco histórico com o julgamento e a condenação do núcleo central que, sob a liderança do ex-presidente Jair Bolsonaro, tentou golpear de morte a democracia nativa. Todos foram condenados a penas que variam de 16 a 27 anos, sendo a maior para o arrogante capitão que passou os últimos anos estufando o peito para atizar a população contra o Supremo Tribunal Federal (STF), onde, agora, se viu condenado.

A denúncia apresentada pelo Ministério Público com base nas investigações realizadas pela Polícia Federal culminou no relatório do ministro Alexandre de Moraes, uma verdadeira pérola inscrita na história do Poder Judiciário brasileiro.

Nas preliminares, o ministro (1) reafirmou a competência do STF e de sua Primeira Turma para realizar o julgamento, (2) mostrou que os advogados dos réus tiveram quatro meses para analisar as provas apresentadas, portanto, cai por terra o argumento de que houve cerceamento da defesa e (3) rejeitou a tese de nulidade da colaboração premiada do ex-ajudante de Ordens de Bolsonaro, tenente-coronel Mauro Cid, uma vez que essa colaboração se deu por livre e espontânea vontade deste réu.

Análise do mérito

Em seu relatório, Moraes afirma haver prova cabal de que o grupo liderado por Jair Bolsonaro desenvolveu e implementou um plano para abolir o Estado Democrático de Direito, caracterizando-se como uma organização criminosa que atuou para desacreditar o sistema eleitoral brasileiro, inclusive com o uso de milícias digitais e instrumentalização do Estado para atingir seus objetivos.

Outros crimes que entraram na conta dos réus para cálculo das penas aplicadas são tentativa de golpe de Estado com o propósito de impedir a posse do presidente eleito em

11 de setembro, data histórica para a democracia brasileira



O grande e competente Ministro do STF Alexandre de Moraes 2022, Luís Inácio Lula da Silva, dano qualificado pela violência e ameaça grave e deterioração de patrimônio tombado (esses dois últimos resultantes do ataque aos Três Poderes em 08 de janeiro de 2023 e outras ações paralelas).

Nota destoante

Comprovados os crimes, o relatório de Moraes teve foco em comprovar a autoria dos mesmos, explanando a ação de cada um dos oito réus na organização criminosa. Seu entendimento foi aceito e aprovado pelos ministros Flávio Dino, Cármen Lúcia e Cristiano Zanin, este último presidente da Primeira Turma e condutor do julgamento.

A nota destoante ficou por conta do ministro Luiz Fux que, numa preleção confusa, recheada de citações, mas sem conexão com a realidade, encheu os ouvidos e a paciência da audiência durante impressionantes 12 horas, tentando provar a inocência de seis dos oito réus, entre eles Jair Bolsonaro.

Papel vergonhoso do ministro que, sem demora, virou motivo de chacota nas redes, apontado como advogado dos



A grande e competente Ministra do STF Carmen Lúcia réus, mais empenhado que os próprios defensores pagos para essa tarefa.

Condenados:

- Jair Bolsonaro – ex-presidente da República
- Alexandre Ramagem - ex-diretor da Agência Brasileira de Inteligência (Abin)
- Almir Garnier - ex-comandante da Marinha
- Anderson Torres - ex-ministro da Justiça e ex-secretário de Segurança do Distrito Federal
- Augusto Heleno - ex-ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI)
- Paulo Sérgio Nogueira - ex-ministro da Defesa
- Walter Braga Netto - ex-ministro de Bolsonaro e candidato a vice na chapa de 2022
- Mauro Cid – ex-ajudante de ordens de Bolsonaro

*Por decisão do STF, todos estão inelegíveis por oito anos; Ramagem e Anderson Torres perdem o cargo de delegado da Polícia Federal; Ramagem perde também o posto de deputado federal.



Ivan Lima

431 anos de Jacarepaguá

Setembro é o mês de aniversário de Jacarepaguá. São 431 anos comemorados no dia 9 de setembro de 2025. Continuamos com os mesmos problemas que não foram resolvidos em vários governos – Estado e Prefeitura.

Os pesquisadores do IHBAJA estudam historicamente a Baixada de Jacarepaguá e escreveram sobre Magalhães Corrêa - um naturalista e escultor brasileiro que documentou o "Sertão Carioca" e defendeu a preservação ambiental na região, falecido em 1944.

No início da década de 1930, Magalhães Corrêa [1889–1944] mudou-se com a família para um sítio em Jacarepaguá, na Zona Oeste da cidade, onde escreveu uma série de reportagens sobre o estado do valioso patrimônio natural local remanescente da Mata Atlântica – solos, rios, lagoas, restingas, dunas, flora, fauna – e sobre a vida sertaneja ainda pulsante a apenas uma hora do centro urbano do Rio de Janeiro – fazendas, igrejas, represas, pontes, estradas, ofícios, técnicas de produção, instrumentos de trabalho etc. Publicadas, entre 1932 e 1933, no *Correio da Manhã*, as reportagens tornaram-se livro em 1936, lançado como o volume 167 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O IHBAJA escreve sobre o passado. Nós do Jornal Abaixo-Assinado estamos escrevendo, junto com o IHBAJA, que vi-

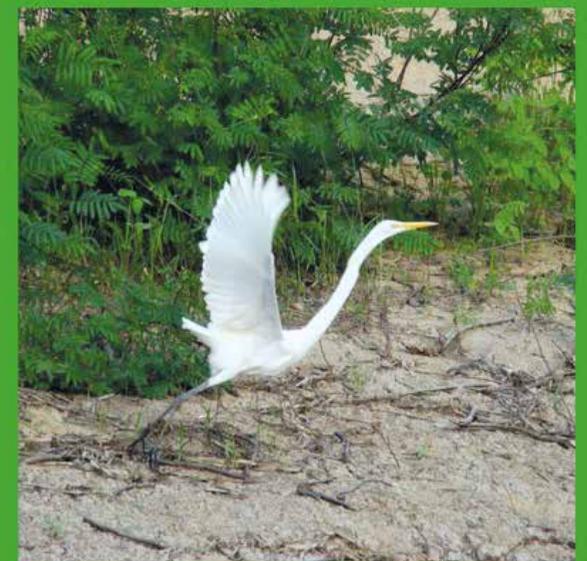
vemos os mesmos problemas e atualmente o mais grave é a destruição ambiental. “Se na década de 1930, Magalhães Corrêa chamava a atenção para a constante destruição da fauna e flora de Jacarepaguá, além de apresentar os problemas sociais de uma região abandonada pelo poder público, hoje podemos traçar um paralelo com as transformações estruturais e urbanas pelos quais passou e ainda passa Jacarepaguá.”

“Magalhães Corrêa questionava o pensamento de que o sertão e os problemas sertanejos ocorriam em regiões afastadas do Rio de Janeiro (então Distrito Federal). Ao contrário, o sertão começava bem perto do centro urbano, a um pouco mais de 30 quilômetros. Seu “Sertão Carioca”, lugar de visitas turísticas, praias, rios e cachoeiras, era também o local do abandono, de mazelas sociais, da pobreza, do desmatamento e das fazendas em decadência. Bem diferente de uma urbanização incipiente encontrada na “porta de entrada” da região (Praça Seca, Tanque e as estradas das regiões da atual Pechincha e Freguesia), o resto da Baixada era um ambiente em sua essência rural, visto de forma pitoresca, mas ainda desconhecido pelo governo à época.”

Hoje, podemos pensar que o crescimento urbano e o olhar governamental sobre essa região mudou e muitas das antigas características se perderam. Porém é necessário refletir sobre como esses avanços ocorrem e qual o sentido de desenvolver e preservar, sem que ambos os conceitos sejam antagônicos e excludentes. A luta continua por melhores condições de vida em toda Baixada de Jacarepaguá. Esse é o compromisso do Jornal Abaixo-Assinado.

A Zona Rural do Município do Rio de Janeiro

As tentativas de construção e configuração de um território [1812-1945]



LEONARDO SOARES DOS SANTOS

Capa do livro



“Os homens de mérito não precisam cuidar da sua fama; A inveja dos tolos e dos petulantes se encarrega de propagá-la!”

Almir Paulo

Por Luiz Inácio Lula da Silva*

Decidi escrever este ensaio para estabelecer um diálogo aberto e franco com o presidente dos Estados Unidos. Ao longo de décadas de negociação, primeiro como líder sindical e depois como presidente, aprendi a ouvir todos os lados e a levar em conta todos os interesses em jogo. Por isso, examinei cuidadosamente os argumentos apresentados pelo governo Trump para impor uma tarifa de 50% sobre produtos brasileiros.

A recuperação dos empregos americanos e a reindustrialização são motivações legítimas. Quando, no passado, os Estados Unidos levantaram a bandeira do neoliberalismo, o Brasil alertou para seus efeitos nocivos. Ver a Casa Branca finalmente reconhecer os limites do chamado Consenso de Washington, uma prescrição política de proteção social mínima, liberalização comercial irrestrita e desregulamentação generalizada, dominante desde a década de 1990, justificou a posição brasileira.

Mas recorrer a ações unilaterais contra Estados individuais é prescrever o remédio errado. O multilateralismo oferece soluções mais justas e equilibradas. O aumento tarifário imposto ao Brasil neste verão não é apenas equivocado, mas também ilógico. Os Estados Unidos não têm déficit comercial com o nosso país, nem estão sujeitos a tarifas elevadas. Nos últimos 15 anos, acumularam um superávit de US\$ 410 bilhões no comércio bilateral de bens e serviços. Quase 75% das exportações dos EUA para o Brasil entram isentas de impostos. Pelos nossos cálculos, a tarifa média efetiva sobre produtos americanos é de apenas 2,7%. Oito dos 10 principais itens têm tarifa zero, incluindo petróleo, aeronaves, gás natural e carvão.

A falta de justificativa econômica por trás dessas medidas deixa claro que a motivação da Casa Branca é política. O vice-secretário de Estado, Christopher Landau, teria dito isso no início deste mês a um grupo de líderes empresariais brasileiros que trabalhavam para abrir canais de negociação. O governo americano está usando tarifas e a Lei Magnitsky para buscar impunidade para o ex-presidente Jair Bolsonaro, que orquestrou uma tentativa fracassada de golpe em 8 de janeiro de 2023, em um esforço para subverter a vontade popular expressa nas urnas.

Tenho orgulho do Supremo Tribunal Federal (STF) por sua decisão histórica na quinta-feira, que salvaguarda nossas instituições e o Estado Democrático de Direito. Não se tratou de uma "caça às bruxas". A decisão foi resultado de procedimentos conduzidos em conformidade com a Constituição Brasileira de 1988, promulgada após duas décadas de luta contra uma ditadura militar. A decisão foi resultado de meses de investigações que revelaram planos para assassinar a mim, ao vice-presidente e a um ministro do STF. As autoridades também descobriram

Divulgamos na íntegra o texto do Presidente Lula publicado no jornal New York Times, 14 de setembro de 2025.

A democracia e a soberania brasileiras são inegociáveis



Lula lançando o Programa Gás do Povo.

um projeto de decreto que teria efetivamente anulado os resultados das eleições de 2022.

O governo Trump acusou ainda o sistema judiciário brasileiro de perseguir e censurar empresas de tecnologia americanas. Essas alegações são falsas. Todas as plataformas digitais, nacionais ou estrangeiras, estão sujeitas às mesmas leis no Brasil. É desonesto chamar regulamentação de censura, especialmente quando o que está em jogo é a proteção de nossas famílias contra fraudes, desinformação e discurso de ódio. A internet não pode ser uma terra de ilegalidade, onde pedófilos e abusadores têm liberdade para atacar nossas crianças e adolescentes.

Igualmente infundadas são as alegações do governo sobre práticas desleais do Brasil no comércio digital e nos serviços de pagamento eletrônico, bem como sua suposta falha em aplicar as leis ambientais. Ao contrário de ser injusto com os operadores financeiros dos EUA, o sistema de pagamento digital brasileiro, conhecido como PIX, possibilitou a inclusão financeira de milhões de cidadãos e empresas. Não podemos ser penalizados por criar um mecanismo rápido, gratuito e seguro que facilita as transações e estimula a economia.

Nos últimos dois anos, reduzimos a taxa de desmatamento na Amazônia pela metade. Só em 2024, a polícia brasileira apreendeu centenas de milhões de dólares em

ativos usados em crimes ambientais. Mas a Amazônia ainda estará em perigo se outros países não fizerem a sua parte na redução das emissões de gases de efeito estufa. O aumento das temperaturas globais pode transformar a floresta tropical em uma savana, interrompendo os padrões de precipitação em todo o hemisfério, incluindo o Centro-Oeste americano.

Quando os Estados Unidos viram as costas para uma relação de mais de 200 anos, como a que mantêm com o Brasil, todos perdem. Não há diferenças ideológicas que impeçam dois governos de trabalharem juntos em áreas nas quais têm objetivos comuns. Presidente Trump, continuamos abertos a negociar qualquer coisa que possa trazer benefícios mútuos. Mas a democracia e a soberania do Brasil não estão em pauta. Em seu primeiro discurso à Assembleia Geral das Nações Unidas, em 2017, o senhor afirmou que “nações fortes e soberanas permitem que países diversos, com valores, culturas e sonhos diferentes, não apenas coexistam, mas trabalhem lado a lado com base no respeito mútuo”. É assim que vejo a relação entre o Brasil e os Estados Unidos: duas grandes nações capazes de se respeitarem mutuamente e cooperarem para o bem de brasileiros e americanos.

*Luiz Inácio Lula da Silva é o presidente do Brasil

Seja Assinante do Jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

ASSINE O JORNAL ABAIXO-ASSINADO

www.catarse.me/jaajrj